

TESE DE DOUTORADO

A ESCRITA DE NARRATIVA NAS OBRAS DO PNLD DO ENSINO FUNDAMENTAL II: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PROPOSTAS

Aline de Azevedo Gaignoux

alinegaignoux@yahoo.com.br

Doutor em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Orientadora: Tania Maria Nunes de Lima Camara

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Área de concentração: Língua Portuguesa

Data da defesa: 26 de novembro de 2018

Palavras-chave: escrita, texto narrativo, ensino.

A tese “A escrita de narrativa nas obras do PNLD do Ensino Fundamental II: descrição, análise e propostas” reflete o objetivo capital do ensino de língua materna: capacitar o aluno a compreender e produzir textos com proficiência.

Tal objetivo, porém, liga-se a diversos questionamentos acerca do ensino de Português na escola. Logo, não se pode deixar de mencionar o fato de a pesquisa defendida ter nascido em meio à angústia e à alegria que a sala de aula pode provocar em um professor. Sobretudo em um professor cujo objeto de ensino é a língua materna, ou seja, é o instrumento que ele e seus alunos usam, todos os dias, em diferentes situações, de variadas formas, em modalidades distintas, no intuito de (inter)agir na sociedade. Ter

consciência disso e tomar para si a tarefa de formar cidadãos capazes de atuar efetivamente no mundo letrado alegria e angustia a prática docente – aquela consciente e engajada, é claro.

Alegria por permitir mostrar ao aluno o quanto a língua é poderosa e libertadora, especialmente em sua realização mais profunda: a literatura. Trabalhar com textos desse domínio é, inegavelmente, um dos prazeres da profissão. Afinal, como afirma Barthes (2008), a literatura deleita e instrui mais do que qualquer outro discurso.

Angustia ao se tomar consciência da grande responsabilidade que se tem em mãos: possibilitar que esses futuros cidadãos ganhem, de fato, voz na sociedade, na qual a leitura e, hoje mais do que nunca, a escrita são frentes de inquestionável prestígio. A angústia, entretanto, não está nessa constatação, mas, sim, em seu desdobramento: como desenvolver essa capacidade nos estudantes?

Essa inquietação fomentou todo o percurso da tese: refletir acerca da construção da competência textual – capacidade de produzir textos em diferentes gêneros, adequados a múltiplas situações – e buscar alternativas que possibilitem a formação do sujeito escritor na escola foram o ponto de partida (e de chegada) do trabalho realizado.

O segmento escolhido para essa tarefa foi o Ensino Fundamental II, etapa da Educação Básica que nem sempre constitui a preferência dos docentes, que, em sua maioria, priorizam o Ensino Médio para lecionar.

O desejo de abrir espaço para o texto literário no ambiente escolar também motivou o estudo empreendido, por enxergar, conforme já se destacou anteriormente, a literatura como a revolução permanente da linguagem; por julgá-la a própria realidade, isto é, o próprio fulgor do real.

Ao unir esses anseios, chegou-se ao tema – a prática de escrita de narrativa na escola – e às perguntas motivadoras: qual o lugar desse tipo textual nas aulas de produção?; por que escrever narrativas pode contribuir para o processo de amadurecimento da escrita?; que aspectos são relevantes nessa prática?

É válido apontar que a pesquisa realizada se alinha a uma visão interacional (dialógica) da língua, com foco na interação autor-texto-leitor. Nessa concepção, “os sujeitos são vistos como atores construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH, 2009, p.10-11).

Nesse sentido, Antunes (2009) observa que o ensino de língua comprometido com a formação do cidadão deve fomentar a conscientização do significado da linguagem para a construção dos sentidos de todas as coisas. Deve, portanto, centrar-se na exploração dos usos da língua, tanto os informais quanto os formais; de diferentes dialetos; de diferentes gêneros, de modo que o aluno possa partilhar do mundo da produção, da circulação e da análise da cultura, com destaque para a arte literária.

Cumprе salientar ainda a importância dos gêneros discursivos para as aulas de língua portuguesa, particularmente para os momentos de leitura e de produção de texto. Koch e Elias (2010) ressaltam que todos, falantes/ouvintes, escritores/leitores, constroem, ao longo de sua existência, uma competência metagenérica que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais sua caracterização e função. É essa competência que propicia aos falantes/ouvintes, leitores/escritores a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participam.

No contexto escolar, a importância do gênero textual aumenta quando o entendemos como uma ferramenta. Na visão de Koch (2002), o gênero pode ser

considerado como ferramenta, na medida em que um sujeito – o enunciador – age discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero. A escolha do gênero acontece em função dos parâmetros da situação que guiam ação e estabelecem a relação meio-fim, a estrutura básica de uma atividade mediada.

Legitima-se, portanto, como também determinam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que o ensino de Língua Portuguesa pautado nos gêneros pode trazer significativas contribuições para a mudança do tratamento dado à produção textual na escola. Todavia, sem negar a importância dos gêneros, mas completando-a, adota-se a defesa do estudo dos tipos textuais nas práticas escolares, principalmente por serem parte da estrutura de qualquer gênero.

Isso posto, alcança-se o eixo central da tese: explicitar como a produção de narrativas é trabalhada no Ensino Fundamental II, por meio da análise das obras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2017, abrangência até 2019, bem como comprovar a importância desse tipo de texto no amadurecimento da formação do sujeito escritor. Cabe notar que tais obras didáticas norteiam, em geral, o ensino de Língua Portuguesa em todo o país, sendo, muitas vezes, o aporte teórico principal das aulas de língua materna, o que reforça a relevância do estudo.

Estruturalmente, a tese compõe-se – além da Introdução, da Conclusão e das Referências Bibliográficas – de quatro capítulos. O primeiro e o segundo formam a fundamentação teórica e ocupam-se respectivamente das especificidades do ato de escrever, sem esquecer o letramento, e do tipo textual narrativo. O terceiro e o quarto desenvolvem o tema central, isto é, a análise das coleções didáticas e os resultados do

exame, o que enseja a discussão acerca de aspectos relevantes na produção de texto narrativo na escola: a leitura literária, a importância dos modelos e da reescrita.

A análise das coleções didáticas possibilitou delimitar o espaço dado aos gêneros de base narrativa nas aulas de produção, determinar a fundamentação teórica e a metodologia que pautam essas práticas e observar o tipo de tarefa que o aluno realiza nelas. Identificar as particularidades da escrita, bem como suas competências e habilidades também foi preocupação do estudo, sem deixar de lado os aspectos relevantes para o ensino dessa modalidade e as contribuições que o texto narrativo pode trazer. A investigação realizada permite estabelecer algumas conclusões, respondendo, dessa forma, às perguntas motivadoras evidenciadas no início deste resumo.

Em síntese, a escrita pode ser definida como produção textual cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias, visando à construção de sentido do texto, com base nas pistas linguísticas oferecidas pelo autor. Na perspectiva adotada, escrever abrange, de forma geral, cinco etapas fundamentais, a saber: contextualização, ou seja, adaptação às situações de comunicação exigidas; elaboração e tratamento dos conteúdos temáticos; planificação, isto é, organização das partes do texto; textualização, quer dizer, operar os recursos linguísticos; e, por fim, releitura, revisão e reescrita do texto.

Discutiu-se também um aspecto de grande interesse ao ensino, o mito de que a escrita seria uma aptidão quase mágica. Provou-se que escrever não é um dom, longe disso; escrever é fruto de um trabalho árduo que demanda etapas cruciais – planejamento, escrita, revisão e reescrita –, as quais pleiteiam espaço na sala de aula.

Outra falácia que foi desfeita refere-se à máxima de que quem lê muito escreve bem. No processo da escrita, a leitura figura como aspecto significativo, mas não indispensável, ou seja, ler muito não implica escrever proficientemente.

Em contrapartida, a leitura é prática fundamental na educação do indivíduo que deseja atuar em sociedade, e, obviamente, contribui para seu repertório discursivo e para sua formação cultural, colaborando, assim, com a construção de seu conhecimento de mundo, enciclopédico e linguístico. Além de todas essas contribuições, a tese mostrou que a leitura pode figurar, de certa forma, como modelos de escrita para os alunos. Nesse sentido, os textos literários selecionados para compor as aulas de produção de texto podem ser poderosos aliados no processo.

Ao lado dessas leituras, estão as propostas de escrita, as quais, na visão da pesquisa, precisam ser tarefas adequadas aos alunos do Fundamental II. A maioria das coleções didáticas analisadas costuma solicitar a construção completa de gêneros como o conto, o que se configura atividade muito complexa, em virtude da dificuldade natural de produzir um texto literário, ainda mais se não houver, e na maior parte das vezes não há, um roteiro de escrita bastante detalhado.

Paralelamente a esses aspectos, há ainda um ponto de grande alcance no ensino da escrita: a relevância da correção dialógica. Corrigir a produção do aluno, indicando o que pode contribuir para a melhoria do texto, especialmente no que se refere à coesão, à coerência e aos aspectos referentes ao gênero, apresenta-se como prática imprescindível. Nessa correção, em que o professor assume o papel de leitor do aluno e dialoga com este por meio de sua redação, as sugestões de reescrita de parágrafos são fundamentais e, na concepção legitimada no estudo em questão, podem ser consideradas como modelos de escrita para os discentes.

Quanto a esse tópico, assinala-se outra conclusão importante: os modelos apresentados ao longo da formação discente concorrem para a construção do sujeito escritor, que, nessa etapa da educação, ainda está construindo o próprio estilo, a própria autoria. Como acreditam os PCN (1998), por meio da escrita do outro – do professor, dos escritores – durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolvendo seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras de outrem.

Assim sendo, considera-se que a escrita de narrativas pode efetivamente contribuir para o processo de formação do escritor, principalmente por oportunizar espaço para a leitura literária. Nessas aulas, portanto, a literatura torna-se a grande protagonista, e os textos literários, em certa medida, figuram como modelos para os estudantes em aprendizagem.

A análise das coleções didáticas do PNLD 2017/2019 demonstrou a relevância do trabalho com o tipo textual narrativo no Fundamental II, já que ficou evidente o lugar significativo que esse tipo textual recebe na maioria das obras.

Ademais, o exame dessas coleções revelou que a proposta a ser oferecida na sala de aula pede cuidado. A tese constatou que propostas que priorizam a escrita de partes de uma história e que solicitam a produção de um gênero a partir de outro, isto é, atividades em que boa parte dos elementos essenciais ao enredo são apresentados aos estudantes, parecem ser exercícios extremamente produtivos, cujo resultado são textos mais satisfatórios.

As conclusões evidenciadas apontam para um ensino cujo objetivo primeiro seja o letramento dos estudantes, inclusive o letramento literário. Isso quer dizer que a escola precisa tomar para si a responsabilidade de formar alunos que compreendam e produzam satisfatoriamente textos em linguagem escrita.

Decerto, as reflexões e as sugestões apresentadas não esgotam o tema, outras pesquisas e discussões são e sempre serão bem-vindas. Contudo, espera-se, com a tese defendida, legitimar o espaço da produção de narrativa na escola, revelando sua importância para o amadurecimento da escrita do estudante; contribuindo, por conseguinte, para a efetiva inserção dele na sociedade tal qual um escritor de sua história e de seu mundo.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Argumentação e linguagem*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em 28 de março de 2019.

Aceite em 28 de maio de 2019.